

CÁSSIO LUIZ ARAGÃO MATOS

cassioaragaofisio@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, BRASIL

CULTURA, SAÚDE E MÍDIA: UM ESTUDO SOBRE MULHERES IDOSAS EM UMA ACADEMIA NA CIDADE DE SALVADOR, BAHIA

RESUMO

O aumento do envelhecimento populacional no Brasil é um dado relevante. No artigo analisamos como a imagem corporal de sete mulheres idosas foram construídas em uma academia de ginástica. As imagens dos corpos em processo de envelhecimento das mulheres idosas entrevistadas vêm articuladas a um processo de “juvenilização”. Essas mulheres utilizam técnicas para driblar o envelhecimento dos corpos e buscam esconder e apagar os sinais de envelhecimento. As imagens que as idosas têm dos corpos estão associadas ao “corpo feio”, ao “corpo decrépito”, ao “corpo senil”. Para essas mulheres o corpo “perfeito” envolve noções de beleza, juventude, sensualidade, vitalidade, saúde e visibilidade. A metodologia utilizada para este estudo foi a etnografia. A amostra foi composta de sete idosas jovens, com idade entre 60 e 75 anos, que praticam atividade física em uma academia de ginástica, na cidade de Salvador. Destacamos neste estudo a contribuição de: Beauvoir (1990), Bourdieu (2007), Codo e Senne (2004), Courtine (1995), Couto (2012), Debert (2004), Debort (2003), Featherstone (2013), Foucault (2005), Goldenberg (2013), Le Breton (2013), Lipovestsky (2009), Matos (2015) e Motta (2002).

PALAVRAS-CHAVE

Cultura; corpo; identidade; mídia

INTRODUÇÃO

Buscamos no artigo compreender como o corpo se tornou prolongamento da vida, da saúde, e forma o estilo de vida de mulheres idosas. No percurso desse artigo procuramos compreender quais usos e apropriações as idosas fazem do corpo, e como estes suscitam a constituição de um pertencimento cultural, identificando e analisando em que medida os

relatos dessas idosas estão vinculados aos processos de construção de identidades deste grupo. Para o desenvolvimento do artigo privilegiamos uma abordagem etnográfica.

O fato de utilizarmos como referência o corpo de mulher idosa jovem (idade de 60 até 75 anos) (Motta, 2002), ao invés do corpo feminino infantil, corpo feminino adolescente ou corpo feminino jovem, deve-se a uma perspectiva de que o corpo de uma mulher velha constitui um locus privilegiado atualmente para a construção de um corpo no mercado de consumo, e sobretudo esse mercado tem dado uma atenção a este público consumidor, em particular ao de estrato mais alto e de vida urbana.

O idoso contemporâneo passa a ser uma nova categoria do consumo cultural, um novo público para o mercado de consumo e para a indústria da beleza e do culto ao corpo¹. Nessa perspectiva, o culto ao corpo é a busca de um corpo reconfigurado, transformado pelas várias técnicas de cirurgias plásticas. A medicina contemporânea ganha notoriedade, e faz com que a mulher idosa negue um corpo decrépito, senil, velho, doente, deficiente, obeso etc. O que essas mulheres desejam são corpos juvenilizados, idealizados pela mídia e não acometidos pela marca do tempo (Matos, 2015).

Os ideais de corpo perfeito, celebrados cotidianamente podem ser encontrados, sobretudo, nos seguintes aspectos: beleza, vigor e juventude. Na sociedade contemporânea percebe-se uma crescente valorização da aparência física corporal, contexto este em que o valor do indivíduo passa a ser atribuído predominantemente pelo corpo que o indivíduo tem (Couto, 2012).

O corpo *velhofobia*² é representado neste artigo pelo corpo feminino da mulher idosa, de vida urbana, com idade que se inicia entre os 60 ou 65 anos. Podendo também ser definido como um medo irracional de ter um corpo velho, uma espécie de aversão ao processo de envelhecimento de um corpo biológico e de um corpo simbólico. É também explicado como um tipo de preconceito contra os corpos velhos. Entre os atos cometidos contra o corpo *velhofobia* estão: inferiorização, repulsa, opressão, ridicularização e comparação.

Para não ter ou chegar a esse corpo cultua-se o corpo *velholatria*³ representado neste artigo como o corpo feminino da mulher idosa, de vida

¹ Castro (2007, p. 17) define Culto ao Corpo como um tipo de relação dos indivíduos com os seus corpos que tem como preocupação básica o seu modelamento, a fim de aproximá-los o máximo possível do padrão de beleza estabelecido. De modo geral o culto ao corpo envolve não só a prática da atividade física, mas também as dietas, cirurgias plásticas, o uso de produtos de cosméticos, enfim, tudo que responda à preocupação de se ter um corpo bonito e/ou saudável.

² Matos (2015) utiliza uma definição própria para o termo corpo velhofobia.

³ Matos (2015) utiliza uma definição própria para o termo corpo velholatria.

urbana, com idade que se inicia aos 60 ou 65 anos. É o corpo cultuado e levado aos limites da busca da perfeição, da beleza e da saúde, é preciso *malhar* continuamente, utilizar técnicas de rejuvenescimento (cirurgias plásticas, lipoaspiração, uso de botox, tatuagens, piercings, etc), uso de produtos e de cosméticos antienvhecimento, uso de dietas e consumo de estilos e modos de vida. É um corpo que beira o narcisismo exagerado. É a eterna busca de driblar, atenuar, parar, remar em direção contrária ao envelhecimento biológico do corpo e de modificar a ideia do corpo simbólico. O que menos se busca é ter um corpo velho biologicamente, com cabelos brancos, com manchas, varizes, ou qualquer tipo de deficiência física, motora ou psíquica. Busca-se também atingir uma idade que não se tem, a ideia é demonstrar ter uma idade menor da biológica e uma aparência física que beira a da indústria da beleza e da juventude.

Na cultura de consumo não se pode ter um corpo *velhofobia*, um corpo decrépito ou um corpo senil. O corpo da Terceira Idade corresponde ao corpo com idade entre 60 até 75 anos, idosos jovens, (Motta, 2002)⁴ que deve ser bem sucedido, vigoroso e sem sofrimento. Alcançar um corpo juvenilizado sem ser um corpo *velhofobia* passa pelo consumo de diversos produtos, pela busca de técnicas de rejuvenescimento, pelos cuidados com o corpo e com a saúde, e pelo adiamento do corpo em processo natural do envelhecimento.

Os cuidados com o corpo juvenilizado na cultura contemporânea são práticas corporais voltadas para minimizar, retardar ou adiar o processo de envelhecimento biológico do corpo. Tais práticas compreendem estilos, modos e comportamentos de vida. O idoso no cenário contemporâneo passa a ser uma categoria de consumidor, tanto do ponto de vista do culto ao corpo, como do ponto de vista do mercado, estimulando a formação de um público como novo nicho mercadológico.

Novas pesquisas levantam pistas pertinentes no que concerne a construção da *corpolatria*⁵, e do culto ao corpo, uma vez que a produção ritualizada do corpo e, conseqüentemente da aparência física corporal, é bem marcada socialmente e simbolicamente, sobretudo quando se trata de um país tropical e a extensão da sua região litorânea corroboram para uma maior exibição dos corpos. E sendo o corpo um valor distintivo é bastante valorizada a identidade cultural do grupo, e os indivíduos buscam fabricá-

⁴ Motta (2002) utiliza a categoria idosos jovens, para denominar pessoas com idade entre 60 até 75 anos.

⁵ Termo utilizado por Codo e Senne *O que é Corpo (latría)?* (1995). Para os autores, os cuidados com o corpo adquirem uma conotação que beira o religioso e articulam-se com a alienação e o narcisismo.

-los de acordo com o contexto em que estão inseridos (Goldenberg, 2013). Codo e Senne (2004) definem a *corpolatria* como:

a religião católica pelo avesso, por isso outra religião; inverteram os sinais, a busca da felicidade eterna antes carregava em si a destruição do prazer, hoje implica o seu culto. Duas faces da mesma moeda. Antes, a razão se encontrava em antagonismo tácito contra o corpo. Hoje também. A diferença é que a razão era o Céu, o corpo o Inferno, e agora a razão passou a ser o Inferno e o corpo o Céu. (Codo & Senne, 2004, p. 73)

Ao discutir sobre as identidades culturais e as imagens corporais de mulheres idosas e os diferentes usos dos corpos em uma academia de ginástica na cidade de Salvador, observamos que o corpo adquiriu para as mulheres idosas entrevistadas na cultura brasileira uma centralidade na vida cotidiana, na qual sua exposição torna-se um fator crucial no âmbito social e cultural (Matos, 2015).

Goldenberg (2013), discute como o corpo adquiriu um importante valor distintivo tal quais as roupas de marca, ambos se consagram e se tornam visíveis as diferenças entre os grupos sociais. A autora, pontua, ainda, que é a estética que dita as regras de exposição dos corpos, sendo o controle da aparência física cada vez mais estimulado. Para mostrar o corpo sem constrangimento, é preciso investir na força de vontade e na autodisciplina, uma vez que o corpo surge neste contexto contemporâneo como algo invejado, desejado e admirado não apenas pelas mulheres jovens, mas também pelas mulheres idosas.

Le Breton (2004), destaca que o corpo é um lugar de encenação, ou seja, não é mais a encarnação irredutível ou a fatalidade ontológica que sustentavam nossos processos identitários modernos, mas uma construção pessoal, disponível para múltiplas metamorfoses, um objeto transitório e manipulável.

Bourdieu (2007) entende o corpo como distintivo. Para o autor (2007) o corpo é um capital: um corpo jovem, magro, em boa forma, sexy, um corpo que se distingue como superior àquele que o possui, um corpo conquistado por meio de muito investimento financeiro, trabalho e sacrifício.

Goldenberg (2013) explica que em uma cultura como a brasileira, em que o corpo é um importante capital, o envelhecimento passa a ser vivenciado como um momento de grandes perdas, já que no Brasil, o corpo é um capital, e talvez o mais percebido por indivíduos das camadas médias

e urbanas e também das camadas baixas, que percebem o corpo como um veículo fundamental para a ascensão social, e também como uma forma importante de capital no mercado de trabalho, no mercado de casamento e no mercado erótico.

A marca mais evidente da *corpolatria* é o narcisismo (Codo e Senne, 2004, p. 15). O corpo na cultura de consumo vem tomando dimensões de interesse para além do campo biomédico, pois várias são as formas de compreensão e ressignificação o corpo por parte das mulheres idosas. Ser belo, esbelto e sempre jovem. Além dos cosméticos e dos músculos anabolizados, as estratégias do corpo performático concentra-se na busca de mecanismos que evitem doenças, retardem e adiem o envelhecimento de seus corpos e prolonguem a vida. A microbiologia, a robótica e a engenharia genética prometem um corpo fisiologicamente perfeito. Esse é o universo do corpo redesenhado pelas cirurgias plásticas, transplantes e implantes de nanomáquinas no organismo. Por toda parte, os modelos do corpo cirurgicamente perfeito se multiplicam e se disseminam (Couto, 2012).

Vítimas de um processo crescente do fenômeno intitulado de *reprivatização da velhice* às próprias pessoas idosas é atribuída a responsabilidade sobre sua condição física, mental, psíquica e emocional. Expostas a uma realidade na qual as informações sobre os cuidados com o corpo e sobre os processos preventivos que levam ao bem-estar físico circulam amplamente, as novas interpretações sobre a velhice revestem-se de caráter fortemente normativo que considera a doença como decorrente do descuido pessoal e da negligência sobre si (Debert, 2004).

A associação da velhice a um processo de perdas e de dependência física e social vem sendo substituída pela compreensão de que se trata de um estágio de vida propício para novas conquistas, guiado pela busca do prazer, da dinamicidade e da satisfação pessoal e profissional.

A nova imagem do idoso se insere na contemporaneidade e na cultura de consumo, este aparece através da abertura de novos espaços que oportunizam a participação em programas sociais, culturais e recreativos. Idosos mais bem posicionados economicamente e que acumularam distintos capitais culturais durante a vida.

A imagem positiva para o idoso é associada à atividade e ao prazer, e faz com que o mercado se volte para esse segmento populacional com uma grande variedade de bens de produtos e serviços, de produtos farmacêuticos e de cosméticos, da indústria da beleza e da moda, das diversas técnicas de rejuvenescimento e do turismo.

Pensar o corpo no processo de envelhecimento é recolocá-lo em uma visão cultural, social, econômica e biológica. O apelo à imagem da eterna juventude equivale a pensar o corpo *velhofobia* como objeto a ser modificado, como um corpo pensado apenas pelo externo, como algo de fora de si, no mesmo momento em que se inscrevem outras questões de cunho subjetivo.

A nova imagem do idoso nas representações construídas na cultura de consumo já não corresponde à do homem aposentado em casa com pijama no sofá ou jogando dama com os amigos na praça, e a mulher cuidando dos netinhos ou fazendo tricô. Abertos a novas experiências os idosos ou grupo chamado de Terceira Idade ocupam diferentes espaços na cultura de consumo, desfrutando das inúmeras possibilidades da sociabilidade. *Malham*⁶, viajam, passeiam, bebem, namoram, juvenilizam seus corpos e consomem todo tipo de produtos e serviços (Matos, 2015).

A metodologia utilizada para a construção deste artigo foi a etnografia. Privilegiamos como eixo de análise o universo sociocultural do sujeito idoso. O presente estudo privilegiou a abordagem qualitativa de cunho sócio-antropológico. Este artigo dialoga, ainda, com uma estratégia multimetodológica, que atende à perspectiva integradora e compreensiva do estudo da sociabilidade e dos processos das práticas, dos hábitos e dos comportamentos das pessoas idosas em relação ao corpo na cultura contemporânea.

Buscamos ainda mapear com uma descrição o *locus* da investigação, uma academia de musculação, na cidade de Salvador, Bahia, a partir de procedimentos metodológicos comprometidos com os postulados etnográficos. A unidade de análise é representada pela amostra de sete sujeitos: seis residentes no bairro do costa azul, e uma no bairro caminho das árvores. Os critérios de definição da amostragem foram: sexo feminino, ter idade entre 60 e 75 anos – idosos jovens (Motta, 2002), fazerem atividade física no mínimo duas vezes por semana, dentre outros critérios. Por último, elaboramos uma descrição e análise sobre os relatos das idosas contextualizando com as principais categorias deste artigo: imagem corporal e identidade cultural.

⁶ “Malhar”, no português falado no Brasil, é uma gíria correspondente ao ato de frequentar uma academia de ginástica e de musculação.

IMAGENS CORPORAIS DE MULHERES IDOSAS

A imagem corporal é própria de cada indivíduo, pode ser investida e moldada pela sociedade atual e portanto pela cultura contemporânea. Tem-se ainda, de um lado o corpo natural, biológico, que é resultado do processo evolutivo, mediante o qual nos desenvolvemos no útero de um corpo de uma mulher, nascemos, nos desenvolvemos, amadurecemos, envelhecemos e morremos. E de outro, o corpo simbólico que resulta das construções sociais e simbólicas, cuja imagem é a de saúde, beleza, vigor e juventude. A imagem corporal é o modo pelo qual o corpo apresenta-se para nós, ou seja, a representação mental que possuímos do nosso corpo. É considerada uma construção multifatorial que envolve percepção, afeto e componentes cognitivos (Matos, 2015).

Bourdieu (2007) apresenta três conceitos de corpo que têm grande importância para o entendimento da percepção social do corpo e de como a corporalidade participa das interações sociais: as noções de corpo real, corpo ideal e corpo legítimo.

O corpo legítimo é um corpo social, é arbitrário e modificado pela classe dominante. O corpo ideal é o corpo mais distante da natureza e mais próximo da civilização. Ambos são corpos que não podem ser alcançados por todos, mas só por uma parcela da sociedade que dispõe de tempo e de dinheiro (Bourdieu, 2007).

O espelho para as entrevistadas é um grande vilão. É ele que mostra que a velhice do seu corpo chegou, embora Beauvoir (1990) já discutisse que é difícil estabelecer se o centro da questão é a velhice ou o corpo. Mas a certeza está, como afirmou a autora (1990): “em que ela é vivida no corpo, e uma vez que sabemos que a velhice o habita, o corpo, esse estranho, nos inquieta” (Beauvoir, 1990, p. 56). No espelho, essas mulheres não ignoraram a condição da velhice dos seus corpos, ao contrário, aprendem a conviver com a sua imagem, buscando elementos que reforcem a sua autoestima, bastante afetada pelas mudanças na aparência, e procurando encontrar sempre o passado como uma forma de minimizar o presente.

Eu achava que não ia envelhecer, mas vejo pelo espelho que envelheci. Olho para meu corpo e vejo as rugas, triste, muito triste. (Entrevistada 3, 60)

Goldfarb (1998), na análise que fez dos aspectos subjetivos do envelhecimento na atualidade e de suas articulações com o processo de construção da identidade, compara o primeiro encontro do humano com o espelho como um momento de construção e de confirmação da sua identidade

como imagem, quando se olha é olhado, “este sou eu” – com o processo de envelhecimento em que ocorre algo diametralmente oposto.

A imagem atual revelada pelo espelho⁷ é confrontada com a imagem da juventude, modelo idealizado pela sociedade contemporânea. Entretanto, não se trata somente de uma imagem corporal, mas de todo um modo de vida. Sobre a imagem do corpo da velhice recai o peso de uma responsabilidade, de uma aparência física que não volta mais, e de uma imagem corporal que pode ser adiada, no entanto jamais esquecida.

Quando olho no espelho vejo que para minha idade meu corpo tá adequado para minha idade. A aparência é tudo! Sempre fui muito cortejada, adorava dançar e escolhia meus parceiros para dançar a dedo quando era jovem. Tinha um bumbum arrebitado, me trajava de forma elegante. Chegava no baile, no micareta, na festa e olhava para o rapaz e dizia é aquele ali. Só dançava com o que eu escolhia e queria. Só dançava com homens bonitos. Chamava muito a atenção nas festas que eu ia, pela beleza que tinha. Corpo na velhice vem com doença, dependência. Eu era muito vaidosa, quando tinha o corpo jovem era bem feita, não sou mais jovem, quem vai olhar para mim hoje, muito triste ter um corpo velho. (Entrevistada 4, 73)

No espelho, essas idosas vivem um confronto entre a realidade corporal do passado e do presente, embora entendam que o envelhecimento dos corpos é um processo natural, é também um momento de lembrar do corpo da juventude, confrontando o corpo passado com o corpo presente, que se encontra em um processo de envelhecimento. Essas idosas comparam os seus corpos atuais com os seus corpos da juventude, adiam o envelhecimento através das técnicas de rejuvenescimento e assumem o processo natural de seus corpos.

As idosas pesquisadas, frequentadoras dessa academia e praticantes de musculação aqui analisadas formam um grupo que busca um espaço de sociabilidade, trocas de experiências e autoafirmação, em um momento de vida marcado pela redefinição de identidades. A liberdade, a beleza física, a doença, a saúde, a solidão, a família, a falta de satisfação, o sair ou chegar

⁷ Em depoimento na revista *Muito* de novembro de 2014, a cantora Elza Soares revela que o espelho sempre foi seu companheiro, que “a gente sempre teve uma relação de desabafo”. A cantora afirma que quando olha para o espelho ela pensa assim “‘eu não gosto de você’, logo digo ô, ô, ô, tem algo que está errado aqui. Cadê o Pitanguy para dar um jeitinho aqui? Às vezes, olho para o espelho e me acho maravilhosa, às vezes, não. Já chorei muito com ele, passei muito as minhas dores para ele, as minhas alegrias. O espelho é o meu amuleto, eu não viajo sem ter um na bolsa”. Retirado de <http://atarde.uol.com.br/muito/noticias/1640075-elza-soares-a-musica-e-a-medicina-da-alma>

no horário que desejam são elementos presentes nas falas dessas idosas. Na hora de fazerem academia, de malhar, sentem-se motivadas e com liberdade total.

Vou para a academia e volto na hora que tiver a fim. Se tiver a fim faço comida, se não, lanche e tudo tranquilo. Filhos criados, sou solteira e independente. Pago minhas contas e não devo satisfação a ninguém. (Entrevistada 6, 64)

Às vezes faço comida, algumas outras a secretária, e quando não estou a fim dispensei ela e fico na academia sem horário de voltar. (Entrevistada 2, 61)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atual valorização do corpo juvenilizado, bonito e saudável constitui uma busca intensa das mulheres idosas entrevistadas. A imagem corporal que essas sete idosas têm do corpo jovem, está associada ao corpo perfeito e ideal, e envolve as noções de saúde, beleza, sexualidade, sensualidade, vitalidade e dinamismo, ou seja, de um corpo narcisista ou de um corpo *velhoratria*, enquanto na fase do envelhecimento, a imagem do corpo velho ou do corpo *velhofobia* dessas idosas pesquisadas é de medo, preconceito, inferiorização, feiura, senilidade, decrepitude, doença, insegurança, invisibilidade e medo das limitações funcionais.

As imagens que as mulheres idosas entrevistadas em processo de envelhecimento buscam vêm articuladas a um processo de juvenilização, quando se utilizam técnicas para driblar o envelhecimento dos corpos das idosas e busca-se esconder e apagar os sinais de envelhecimento e do tempo (rugas, gorduras, estrias, celulites, cabelos brancos, etc). As imagens que as idosas entrevistadas têm dos corpos velhos e em processo de envelhecimento com idade a partir de 60 anos estão associadas ao corpo feio, ao corpo decrepito, ao corpo senil, ao *corpo velhofobia*.

REFERÊNCIAS

Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Bourdieu, P. (2007). *A Distinção*. São Paulo: Edusp.

- Codo, W. & Senne, W. (2004). *O que é corpo (latría)*. São Paulo: Brasiliense.
- Castro, A. L. (2007). *Culto ao corpo e sociedade: mídia e estilos de vida e cultura de consumo*. São Paulo: Fapesb.
- Castro, A. L. (2004). *Culto ao Corpo: Identidades e Estilos de Vida. Atas do VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Coimbra: CES/Universidade de Coimbra. Retirado de <https://ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel24/analuciacastro.pdf>
- Couto, E. S. (2012). *Corpos voláteis, corpos perfeitos: estudos sobre estéticas, pedagogias e políticas do pós-humano*. Salvador: EDUFBA.
- Debert, G. G. (2004). *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo /Fapesb.
- Goldenberg, M. (2013). Corpo, gênero e envelhecimento na cultura brasileira. *A Terceira Idade*, 20, 69-81.
- Goldfarb, D. C. (1998). *Corpo, Tempo e Envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Matos, C. L. A. (2015). *A Reinvenção do Corpo da Mulher Idosa: Imagens Corporais na Cultura Contemporânea*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Brasil. Retirado de <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18434>
- Motta, A. B. da. (2002). Envelhecimento e Sentimento do Corpo. In M. C. de S. Minayo & C. E. A. Jr. Coimbra (Eds.), *Antropologia, Saúde e Envelhecimento* (pp. 37-50). RJ: Editora FIOCRUZ.
- Motta, A. B. da (2006). Visão Antropológica do Envelhecimento. In E. V. Freitas, L. PY, A. L. Néri, F. A. X. Cançado, M. L. Gorzoni & S. M. da Rocha (Eds.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 78-82). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Citação:

Matos, C. L. A. (2019). Cultura, saúde e mídia: um estudo sobre mulheres idosas em uma academia na cidade de Salvador, Bahia. In M. L. Martins & I. Macedo (Eds.), *Livro de atas do III Congresso Internacional sobre Culturas: Interfaces da Lusofonia* (pp. 581-590). Braga: CECS.